

Artes e ofícios

Sem que eu desse conta, cresci numa rua com pulsar próprio, como se o coração dela se situasse exatamente no centro dos sentidos da gente.

Três mercearias. Duas tabernas. Duas fábricas de peixe. Dois armazéns de redes. Muitos pescadores. Duas costureiras profissionais e aprendizas delas. Um carpinteiro. Um sapateiro. Dois barbeiros e uma cabeleireira. Um padeiro. Um calafate. Uma vizinha eternamente doente. E mais artes.

A vida fluía de dentro para fora das casas. Brincava-se na rua e a rua era o mundo todo. Os rapazes inventavam carros com as boias velhas das redes. As redes transformavam-se em velas de barcos, construídos com restos da madeira do carpinteiro. O sapateiro dispensava os pregos. E as bonecas das meninas eram vestidas com as sobras das costureiras.

Em dias amenos, pela tardinha, as janelas abriam-se à brandura do tempo. As vozes das vizinhas enchiam a rua de conversas, em trocas de saberes e fazeres delas. Rosetas, bordados, coisas de panela e *diz-que-disse*.

Por essa hora, Dona Marília acomodava as mamas avantajadas no parapeito da sua janela e entrava na conversa. Contava ela dos seus dias, da roupa que lavava e passava a ferro em casas de senhoras de outras ruas, que era mais dada a ofícios, que nunca se ajeitara a pontarelos, mas que apreciava muito as artes e preceitos das vizinhas.

Noite descida, assomava-se o guarda noturno ao fundo da rua. Via-se-lhe o chapéu na sombra da esquina. Estava na hora. As mães despediam-se e recolhiam a garotada. Fechavam-se as janelas, uma a uma. Mais uma espreitadela. Aproximava-se o homem, em vergonha disfarçada, até ao parapeito da Dona Marília.

E eu adormecia segura, que ao fechar a janela e ao abrir-lhe a porta, Dona

Marília protegia o pulsar da rua. Zelava por todos nós o guarda noturno.

Filomena Gonçalves

2012/04/05

Barão de S. João